

ANOS DO
JOÃO SÃO
NO DIA
15 JUNHO

Não esque
João na
explicação!

NÃO ESQUECER
COMPRAR
MÍDIA

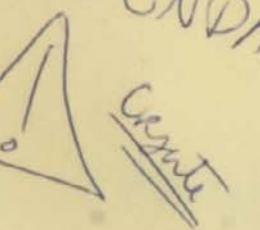
telefones
Mãe: 917721496
Pai: 7576214
21
Fatima: 9356271
Racquel: 9196124
Peteza: 213436

PARA O JANTAR

PÍLULA

NÃO ESQUECER
QUE FAÇO
ANOS
AMANHÃ!

ARRANJAR
CRO-ONDAS!



LEVAR
CHAVE

IR BUSCAR
MARIANA
À ESCOLA

COMPRANDO
DA TELEVISÃO DE

Pagar 240
euros à
empregade!

PASSEAR
O
CÃO! 

16h:
IR VISITAR
MÃE AO
HOSPITAL!

PAGAR
DA ÁGUA,
LUZ
E TELEFONE!

Até dia 4!!

DIGO DE
MULTIBANCO:
5783

AR
DISTRÁIDOS

oops

onde deixei o meu filho?

Vivem nas nuvens, são uns cabeças no ar.

Confundem pessoas, perdem a conta ao número de vezes que perderam tudo e mais alguma coisa.

Até os filhos. TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **LUIZ CARVALHO**

Há situações que não lembram ao diabo... Quando Luís chegou ao Alcântara Café para jantar, reparou que na sala estava Joana, com quem se tinha envolvido há uns tempos. “Lembro-me de ter pensado: ‘olha, que coincidência, ela estar aqui...!’” Mas só quando a viu dirigir-se prontamente a ele, cumprimentá-lo com um beijo e dizer-lhe “sentamo-nos?”, deu conta do seu erro. Julgara que tinha convidado ‘a Joana 2’, com quem andava naquele momento, e ao abrir a agenda, não lhe ocorrera que existiam mais

Joanas na sua vida... Contou a verdade à ‘Joana 1’ e os dois acabaram a jantar... Afinal, estavam ali, não estavam?

Esta é apenas uma das muitas histórias de distração de Luís Mendão, 51 anos, membro da direcção do GAT (Grupo Português de Activistas sobre Tratamentos de HIV/sida), durante anos militante da Abraço, da Soma, ex-proprietário de uma discoteca e de um restaurante. Acima de tudo, se tivéssemos que o encaixar numa definição, diríamos ‘ser livre’. Luís é uma pessoa ‘extremamente distraída’. Tão distraída que muitos teriam a tentação de dizer que “não existe”. Mas ele vive bem assim, e vive bem consigo. Até se



ESQUECER-SE DE UM SACO DE PLÁSTICO COM 800 CONTOS EM CIMA DO TEJADILHO DO CARRO... É APENAS UM DOS MUITOS EPISÓDIOS DE DISTRACÇÃO DE LUÍS MENDÃO, 51 ANOS

Ao sair do autocarro, Jorge percebeu que deixara a filha lá dentro

sente “bastante protegido. Não tenho medo de nada”, assegura.

Não é difícil perceber, atendendo à quantidade de situações em que já se viu envolvido... “Como daquela vez, nos anos 80, em que me esqueci de um saco de plástico com 800 contos (que ia depositar no banco) em cima do tejadilho do carro e fui para casa. Só dei pela falta no dia seguinte. A sorte foi os meus amigos padeiros se terem apercebido e terem guardado o saco, pois já sabiam como eu era. Quando me viram à procura, gozaram o prato...”.

Esquecimentos diários, mais ou menos graves, são às dezenas. Todos os meses Luís viaja, e foram já várias

as vezes em que deixou o computador portátil no aeroporto. “Também já perdi o cartão de embarque. E outra vez, numa escala, o bilhete de avião. Tive de comprar outro...”. Chaves, desistiu de usar — nem de casa. A porta está sempre no trinco, desde a última vez, há sete ou oito anos, que ficou trancado fora de casa, decidiu partir o vidro com uma pedra, e acabou no hospital, com a mão e o pulso abertos... Também não tem chaves do trabalho — a sua equipa não lhas dá, com receio que ele as perca. Aliás, no GAT, toda a gente sabe que tem de verificar se não recebeu a mesma tarefa do vizinho do lado — pois quando Luís tem uma ques-

tão prioritária para delegar, fá-lo... várias vezes. Para tentar minimizar os danos da sua distração, Luís faz “milhares de listas”, que andam “por todo o lado”, e que as pessoas à volta vão lendo, para ver se os itens já foram executados...

Agora, Luís praticamente não conduz, mas quando o fazia tinha uma colecção de episódios associados. Todos os percursos que saíssem da rotina habitual — Lisboa-Sesimbra, Sesimbra-Lisboa — terminavam sempre mal, ou seja, em Sesimbra ou em Lisboa, independentemente do destino ser Setúbal, Loures ou Sines... “A cabeça entrava em automático e eu ia por ali fora...”. O lugar onde deixava o carro ganhava contornos de charada. “Há uns 10 anos, estacionei o carro fora dos lugares do costume, e tive de pedir um carro emprestado a um amigo porque não consegui encontrar o meu... Cheguei a perguntar às pessoas se o tinham visto, até que um conhecido me disse onde estava, uma semana mais tarde...”.

“Outra vez, deixei o meu tio à espera oito horas no hospital de Santa Maria. Esqueci-me completamente que tinha de o ir buscar. Fui tranquilamente almoçar a casa de uns amigos, com a estranha sensação de que me estava a esquecer de algo, e só horas mais tarde, quando me perguntaram pelo meu tio, me lembrei... Na altura não havia telemóveis, pelo que o coitado não fazia ideia para onde ligar...”. Ainda hoje há episódios de distração que se mantêm. Continua, todos os meses, a deixar queimar o almoço ou o jantar, se acontece ser interrompido pelo telefone. “Já só me lembro quando cheira a queimado”, conta. “Depois, tenho aquelas coisas ‘normais’ das pessoas distraídas”, diz: “sair de casa com a roupa do avesso; calçar dois sapatos diferentes; perder mais ou menos tudo: muita roupa nos hotéis, onde já não tiro nada da mala; telemóveis, que perco dia sim, dia não — já perdi uns cinco, definitivamente; a carteira — perdi-a dezenas de vezes, com os documentos lá dentro; outras vezes não sei dela durante três dias, e depois reaparece. Isso também me acontece muito — recuperar coisas que a maioria das pessoas dá por perdidas”.

Se se lhe perguntar quais os moti-

O carro de Rosarinho fica esquecido em qualquer lado, na sua rua ou no shopping



O CARRO E ROSARINHO VIDAL SÃO PARCEIROS DE DISTRAÇÕES. ATÉ MANDOU UM PARA A SUCATA SEM DAR POR ISSO...

vos da sua distração, Luís não hesita: “Tem que ver com a quantidade de ideias que tenho, e a rapidez com que isso acontece. Sou demasiado criativo”. Uma explicação que, de resto, vai de encontro à origem semântica da palavra distração, do latim ‘divisão’.

Em busca do carro perdido. É de manhã, e Rosarinho palmilha freneticamente a sua rua para cima e para baixo. “Onde raio terei deixado o carro?”, poderia ler-se no balão mental, se ela fosse uma personagem de BD. A senhora da tabacaria ri-se. Todos os dias é isto. Rosário para cima e para baixo, à procura do carro. Quan-

do finalmente o encontra, acontece quase sempre o seguinte: escarafuncha a mala, cheia como a de todas as mulheres, e percebe que esqueceu os óculos de sol. Volta a casa, despeja a mala no sofá da sala, confirma: “Os óculos não estão”, procura-os, encontra-os, e ao passar pela mesinha da entrada, onde põe tudo o que não pode esquecer, passa... pelas chaves do carro. Quando ao fim do dia, o estacionar, Rosário Vidal voltará para trás, para confirmar se o fechou realmente. Todos os dias é assim. Por isso é que o seu comando se gasta mais que o das outras pessoas, acredita esta funcionária pública de 49 anos, divorciada e com um filho de

Carlos perdeu a conta das vezes que trepou muro acima para entrar em casa



O **MACBOOK** NOVINHO DE CARLOS FICOU NUM BARCO ENQUANTO ELE SE DISTRAIU A LER O JORNAL

24 anos. Assim, quando o sinal do comando deu mostras de não funcionar, teve de ser lembrada, pela assistência técnica, que a chave também servia para abrir o carro...

No capítulo automóvel, a Rosário aconteceu quase tudo. Já deu por si a tentar abrir um que não era dela. Também lhe acontece esquecê-lo nos parques dos centros comerciais. “Depois saio a pé, vou à minha vida e só quando saio do trabalho e não o encontro percebo que lá ficou. Da última vez foi uma colega que me disse: ‘Julguei que estavas no centro comercial — o teu carro está lá’”.

Lembra-se, antes de haver auto-estrada para o Algarve, de fazer a estra-

da nacional com uma cábula ao colo com todas — “mas todas” — as referências: “cruzamento com escola, passa a indicação x — não é aí!”. Há quinze dias, aconteceu-lhe outra: depois de várias voltas sem encontrar lugar para estacionar, aflita para ir à casa de banho, deixou o carro em segunda fila com os quatro piscas, e subiu. Nunca mais pensou no assunto. Passada uma hora, um carro apitava insistentemente, mas Rosário, entretida a conversar, só dizia: “Ai, que estúpido...!”. Então, o filho levantou-se como uma mola e perguntou: “Mãe, onde é que deixou o carro?”. Ao que ela respondeu, descontraidamente: “Sei lá...”.

De outra vez, ainda, desfez o carro

sem perceber como: “Cantava alegremente em coro com o Milton Nascimento, quando de repente, vindo não sei de onde, me aparece à frente um homem agarrado à cabeça. Só então percebi o estrondo que ouvira há momentos e a que não ligara — fora o choque do meu carro com o dele. Parei de cantar. Ninguém ficou ferido, mas os dois carros foram para a sucata”.

Esquecimentos para todos os tipos. Carlos Gomes, arquitecto de 39 anos, com dois filhos, veste uma camisa havaiana às flores, que combina em absoluto com o modo como a sua cabeça vagueia pelo dia-a-dia. “Tenho dois tipos de esquecimentos”, começa. “Os diários e os mais esporádicos”. Os diários têm normalmente que ver com chaves: “Nem consigo contabilizar as vezes que me esqueci delas em casa e entrei pela janela do saguão do vizinho, ou trepei pelo muro acima, tipo homem-aranha”. Como também é recorrente fazer uma viagem até determinado sítio e chegar lá e não ter levado a chave...

Outra coisa que lhe acontece quase diariamente é deixar o carro aberto, com coisas lá dentro — telemóveis, casacos... Nem sempre corre bem. Já por três ou quatro vezes lhe roubaram o rádio. Mas também é frequente recuperar coisas ao fim de meses... intactas. Como a carteira que perdeu aos 18 anos, no primeiro inter-rail que fez, com todos os documentos lá dentro. “Passei horas a desenhar o Museu de Beaubourg, em Paris, pousei a mochila, a carteira, e quando me levantei, esqueci-me dela ali. Só no dia seguinte, ao entrar no comboio, me apercebi da falta. Entrei em pânico. Ao fim de três meses, chegou de Paris, intacta, exactamente como a tinha deixado — com o BI, até com os 80 francos...”

Hoje, Carlos resolve esta questão com uma mala onde mete tudo — carteira, chaves, telemóvel. Já lhe aconteceu ficar sem água e sem luz por se ter esquecido de pagar as contas — “antes e depois de ter filhos”. Dos miúdos nunca se esqueceu — mas já perdeu o cão em Marraquexe. Quando deu por isso, entrou em stresse, mas, meia hora mais tarde, o cão errava, avenida fora. No entanto, a “taça das distrações” talvez seja a bordo de um barco para o Barreiro, “ainda a brincar com o novo MacBook Pro e a

A Isilda aconteceu-lhe esquecer-se de que era feriado e foi trabalhar



A GARGALHADA FOI GERAL QUANDO ISILDA SACOU DO COMANDO ACHANDO QUE ERA A CALCULADORA

ler o jornal que acabara de comprar”. Chegado à outra margem, pôs-se em marcha até casa dos pais — e só ao atravessar a soleira da porta percebeu que tinha deixado o computador no barco. Correu o mais que pôde, foi aos Perdidos e Achados e... recuperou-o.

Esquecer um filho é provavelmente o pior pesadelo de um pai. Jorge Seleiro tem de viver com a culpa de isso lhe ter acontecido uma vez. “Há 25 anos, no regresso de um dia no Jardim Zoológico, estava com a minha filha num autocarro de dois andares, no piso de cima”, conta. “Vinha a pensar, e quando me apercebi que estávamos a chegar à paragem, toquei na

campainha e desci. Mal dei os primeiros passos fora do autocarro, percebi que estava sozinho — e que tinha deixado a minha filha de quatro anos lá dentro. Corri para a frente do autocarro, que fez uma travagem brusca, e justifiquei-me ao motorista: ‘Esqueci-me de uma pessoa...’”.

No mês que se seguiu, o jornalista da Rádio Marginal não teve coragem de contar à mãe da menina o episódio. O tempo, no entanto, deu-lhe coragem para o fazer. A mulher perdoou-o. Afinal, já lhe conhecia a característica e as questões associadas, como daquela vez em que o marido andou meses a chorar por um certo blusão, e na tarde em que ela lho ofe-

receu, no dia do seu aniversário, o saco da compra não durou uma hora nas mãos de Jorge... O choque foi tão grande que ele decidiu voltar à loja e comprar outro blusão exactamente igual, para não defraudar a mulher...

Aos 59 anos, pai de três filhos, Jorge acredita que a distração é genética, apesar de sentir que já foi mais distraído do que é hoje. “A minha mãe era muito, muito distraída”, recorda. “Do género de eu me cruzar com ela na rua e perguntar-lhe as horas, e ela não me reconhecer...” Da mesma forma, a filha é muito distraída — “perdeu o bilhete de identidade para cima de 10 vezes”.

Isilda Xavier nunca se lembra do aniversário do filho. Pode parecer cruel, mas não tem ponta de maldade. É pura distração. Vale-lhe o marido, que lhe ‘dá o toque’. Isilda é distraída. É, sim senhora. Sempre foi. Os clássicos todos também lhe aconteceram: deixa ‘n’ vezes o carro aberto, chega ‘n’ vezes a casa e não tem as chaves, e já perdeu mais de trinta pares de óculos ao longo da vida, assegura a filha, Joana. Também perdeu a chave do carro, há três meses — embora mantenha a esperança de a reaver. Mas também tem episódios personalizados, de que se vai lembrando amiúde. Como daquela vez em que lavou o cabelo ao neto com óleo Johnson; ou daquela outra em que trouxe o comando de televisão de um hotel, achando que era o telemóvel; ou ainda daquela outra em que esse mesmo comando desapareceu tempos infintos de lá de casa, para ‘brotar’ como por milagre na mala dela — e quando o professor do curso de arquitectura perguntou quem tinha uma calculadora, ela levantou o braço, de comando na mão, e disse: “Eu tenho!”.

Isilda lembra-se da quantidade de tampas de depósitos de gasolina que perdeu, quando ainda não vinham “atarrachados” — voavam invariavelmente depois de ela os esquecer no tejadilho do carro. E também se lembra daquela vez em que foi trabalhar a um feriado, estranhando “a cidade tão vazia”, até ao momento em que chegou ao parque de estacionamento e se fez luz... Por essas e por outras, sempre que diz, de si para si, “Não me posso esquecer disto ou daquilo”, Isilda ri-se. Afinal, sabe que é uma questão de retórica. ■